

JUDICIÁRIO

Uma cadeira incômoda no STF

Fux prepara entrega da presidência para Rosa Weber depois de uma gestão que sobreviveu à tentativa de manietar a Corte

» LUANA PATRIOLINO

O ministro Luiz Fux entra na reta final da sua presidência do Supremo Tribunal Federal, um período marcado pelos constantes ataques do presidente Jair Bolsonaro (PL) e seus apoiadores à Corte e aos magistrados que a compõem. A contragosto, segundo fontes do Judiciário, ele viu o STF tornar-se o protagonista dos debates políticos, o que fez com a convivência entre os poderes, outrora harmônica, estivesse sujeita aos humores de vários atores políticos interessados em enfraquecer a Corte.

Fux se prepara para entregar o comando do Supremo à ministra Rosa Weber, que, a partir de 9 de setembro, terá o desafio de tocar a Casa no durante a mais tensa campanha eleitoral desde a redemocratização do país.

Na semana passada, no discurso de encerramento do semestre do Judiciário, Fux afirmou que o STF continuará vigilante para garantir a lisura das eleições de outubro. O ministro ainda destacou a produtividade dos ministros para julgar os processos, e salientou que “não foram poucas, nem triviais, as controvérsias”.

Perfil

Com um perfil considerado discreto, a postura de Fux, porém, é alvo de críticas de seus pares. Alguns esperavam que ele tivesse uma posição mais firme ante aos sucessivos ataques de Bolsonaro (PL).

O analista político Melillo Dinis destaca que o presidente do STF navegou em mares inóspitos ao longo de dois anos. “De um



Uma coisa é um ministro como um ministro, outra é um ministro como presidente de um poder. Trata-se de algo muito mais delicado”

Leonardo Leite, cientista político da FGV-SP, projetando o comportamento de Rosa Weber

lado, a pressão sobre o Judiciário causado pelo papel de muro de contenção exercido a partir do presidencialismo de coalizão de Bolsonaro. De outro, as relações com os outros 10 ministros, em um momento de mudanças de nomes (Kassio Nunes Marques e André Mendonça, ambos indicados pelo presidente da República) e de pautas”, apontou.

Uma crítica que paira sobre a atuação de Fux remete a

o silêncio quando a Corte foi atacada pelos aliados do presidente por conta do julgamento do deputado Daniel Silveira (PTB-RJ) — condenado por atos antidemocráticos. Um contraste em relação ao 7 de Setembro de 2021, quando, em discurso, o ministro avisou que “ninguém fechará” o Supremo e que não aceitaria intimidações.

Para o cientista político André César, a data da Pátria no ano passado “mostra a dificuldade

Rosinei Coutinho/SCO/STF



Fux e Cármen chegam à sessão na qual ele fez balanço sobre seu comando do STF. O ministro toureou com Bolsonaro e o Congresso por dois anos

que qualquer pessoa sentada naquela cadeira, naquelas circunstâncias, teria enfrentado. O Supremo se tornou um ator político importante. Está com um protagonismo que historicamente não tinha”, observou.

Para a ministra Rosa Weber, que sucede Fux, o principal desafio é manter uma relação equilibrada entre a Corte e o Palácio

do Planalto. Contrária aos holofotes, ela passou os últimos 10 anos no STF praticamente sem conceder entrevistas. Além disso, é vista pelos seus pares como discreta e técnica.

O comportamento da magistrada ainda é um mistério e os bastidores no Supremo trabalham com a tendência de que ela se mantenha longe de polêmicas.

Algo que, segundo André César, pode não ser adequado.

“A discrição é uma maneira de proteger, tentando minimizar ao máximo o conflito. E quando se fala em conflito, a gente fala de Bolsonaro, que é um alimentador disso”, frisou.

O cientista político Leonardo Queiroz Leite, doutor em administração pública e governo pela

Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP), destacou a importância do equilíbrio. “Uma coisa é um ministro como um ministro, outra é um ministro como presidente de um poder. Trata-se de algo muito mais delicado do que um magistrado emitir uma decisão ou opinião que possa causar desconforto ou discordância”, ressaltou.

PODER

Site / Caixa



Assim como o ex-presidente, Celso também é acusado de cobrar favores sexuais das funcionárias da Caixa

Sai o vice amigo de Guimarães

» FERNANDA STRICKLAND

Depois das denúncias de assédio sexual e moral contra o ex-presidente da Caixa, Pedro Guimarães, mais um executivo do banco perdeu o cargo devido a uma acusação semelhante. Celso Leonardo Barbosa deixou, na noite da última-sexta-feira, a Vice-Presidência de Negócios de Atacado. Ele pediu demissão e, como foi levado por Guimarães para o posto e ainda vem sendo apontado como assediador e acólito do ex-presidentes nas investidas sexuais, perdeu as condições de permanecer no banco.

Celso era considerado o vice mais próximo de Guimarães e foi citado nas denúncias pelas funcionárias da Caixa. O Conselho de Administração da instituição aceitou a carta de renúncia dele.

Além de ter sido citado nas denúncias contra Guimarães no Ministério Público Federal, Celso aparece na única denúncia de assédio sexual formalizada na Ouvidoria da Caixa. Embora negue, uma das alegações é de que

ele teria atacado uma funcionária sexualmente. A decisão de ele deixar um cargo de comando no banco ocorreu, segundo a instituição, porque a situação tornou-se “insustentável”.

Comitê

Nomeada para a presidência da Caixa em substituição a Guimarães, Daniella Marques pretende criar um comitê de crise com uma força-tarefa para apuração das denúncias de assédio sexual no banco. A ideia é isolar a crise e impedir a contaminação da operação da instituição.

Ela deve tomar posse nesta terça-feira. Mas, antes, o nome de Daniella precisa ser aprovado pelo comitê de elegibilidade da Caixa — estrutura que faz parte da estrutura de governança do banco.

No Ministério da Economia desde o início do governo do presidente Jair Bolsonaro (PL), Daniella se dedicou, nos últimos meses, ao conhecer melhor o programa “Brasil Pra Elas”, que

investe em mais crédito dos bancos federais para as mulheres e na educação empreendedora por meio de capacitação realizada pelo Sebrae. Para isso, ela montou uma equipe de mulheres e deve ser o carro-chefe da sua gestão.

Formada em administração pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, e com MBA em finanças pelo Ibmec/RJ, Marques atuou por 20 anos no mercado financeiro. Ela foi sócia do ministro da Economia, Paulo Guedes, na Bozano Investimentos, no Rio, e deixou a gestora em 2019 para trabalhar ocupar o posto de assessora especial na pasta. Marques era considerada o braço direito de Guedes.

Enquanto ela não assume, o Conselho de Administração anunciou que a vice-presidente de Habitação do banco, Henriete Bernabé, ocupará interinamente a presidência. Ainda de acordo com o comunicado da Caixa, os procedimentos internos de elegibilidade de Marques estão em andamento.



Boletim informativo das Organizações PauloOctavio

EDIÇÃO Nº 853 | ANO 47

3 DE JULHO DE 2022 | BRASÍLIA/DF







ORGANIZAÇÕES PAULOCTAVIO

METAS TRAÇADAS PARA OS PRÓXIMOS OITO ANOS

As Organizações PauloOctavio realizaram seu seminário semestral, em encontro no Royal Tulip Hotel. Mais de 500 diretores, gerentes e colaboradores apresentaram resultados e planejaram inovações nos ramos em que atuam, como imobiliária, construção civil, hotelaria, shopping centers, concessionárias de automóveis, seguros, energia limpa, telerrádiodifusão e manutenção predial.

Gerando mais de 4 mil empregos diretos e outros 15 mil indiretos, as empresas do grupo precisaram se reinventar após a pandemia, obtendo bons resultados. O grupo encontrou soluções graças à capacidade criativa e de planejamento dos profissionais.

Para os próximos oito anos, o braço construtivo do grupo já tem definidos seus investimentos. Serão lançados 35 edifícios residenciais até 2030. Na área comercial, o foco será nos shoppings. Um já está em construção, o Manhattan, em Águas Claras. Dois aguardam licença, um em Planaltina e outro no Gama, demandas antigas dos moradores das duas cidades.

www.paulooctavio.com.br